

Ao Samuel Justus

Manoel Augustão era um caçador de primeira qualidade. Não havia caçada de que não participasse. Seria capaz de brigar com os amigos se estes, por um motivo ou por outro, esquecessem de convi-dá-lo.

Manoel Augustão possuía uma cachorra perdigueira muito bonita e melhor tra-tada, a que dava o nome de "Preciosa", por ser mesmo uma preciosidade de ca-chorra. Havia pago por ela um dinheirão.

"Preciosa" era o motivo da inveja ge-ral da vizinhança, constituía quase que exclusivamente de caçadores. Nenhum dos vizinhos possuía um perdigueiro à al-tura de "Preciosa".

“Preciosa” sabia que era invejada. Quando os vizinhos passavam pela casa de Manoel Augustão, e olhavam por sôbre a cerca, ela fazia a mais “coquette” de suas poses, e andava como se fosse uma Rainha. Nenhuma mosca tinha o di-reito de pousar sôbre o seu lustroso pelo, e nem as pulgas de se alojarem entre elas: seria um verdadeiro sacrifício, e Manoel Augustão nunca haveria de permitir isto.

O grande caçador era também um de-fensor da raça pura. "Preciosa" era per-digueira cem por cento. Em outras pa-la-avras, a cachorra tinha "pedigree". Quan-do a cachorra entrava no tempo do cio, Manoel Augustão ficava mais preocu-pado do que nunca. Se o mundo ruisse de um momento para outro, Manoel Au-gustão não ficaria mais preocupado do que se "Preciosa" lhe concedesse alguns fi-lhotes espúrios de cães vadios, anônimos, sem raça.

Cada vez que chegava o tempo do cio de "Preciosa", Manoel Augustão reforça-va as cérca-s de sua propriedade, e chega-va a ficar de plantão noites inteiras, a fim de evitar possíveis invasões.

Certo dia, porém, aconteceu o inevitá-vel. Manoel Augustão, que ficara a noite inteira de plantão, à tarde fôrta tirar uma soneca, a fim de recuperar o sono perdi-do, e para que pudesse ficar atento logo mais à noite.

Os cães vadios, todos os tamanhos e aparências, que apenas esperavam essa oportunidade, abriram um tunel sob a cerca, entrando em seguida em verdadei-ra cambulhada. Em poucos instantes, ha-via exatamente doze cães vira-latas no quinal de Manoel Augustão.

E começou a farrá.

Os cães lutavam pela primazia de fe-cundar "Preciosa", a qual, ciente de seu papel de propagadora da espécie, aguar-dava ansiosamente o momento de ser possuída pelo mais valente.

Foi uma gritaria danada, pois cada um deles queria ser o preferido pelos favores de "Preciosa".

Aqueles ganidos acordaram Manoel Augustão de sua soneca. Levantou-se do leite, chegou à janela, viu o que estava acontecendo no quintal, e quase teve uma síncope cardíaca. Caiu estatelado no chão, como pedra que se desprende da rocha. Mal se refez do susto, levantou-se e saiu para o quintal, berrando em plenos pulmões, na vã esperança de espantar dali os cães vadios. Inúteis, porém, foram os seus berros: os cães nem deram pela sua presença.

Manoel Augustão teve então uma idéia genial: ácido de bateria. Manoel tinha um velho fordeco, com aparência de imprestável mas que ainda fazia al-gum barulho. Foi até o fordeco, tirou a bateria, colocou-a perto do túnel que os cães haviam feito. Após isso, examinou o túnel: muito largo, dava passagem rá-pida. E era necessário, para que se con-sumasse sua vingança, que o túnel fosse menor. Colocou então um tijolo no túnel.

Armou-se Manoel Augustão de uma vara, enrolou estopa na ponta, e deixou tudo preparado para a consumação de seu plano de vingança. Aqueles cães vadios nunca mais viriam deturpar o "pedigree" de sua "Preciosa".

Chamou Tonico, seu filho, ordenou-lhe que apanhasse um chicote e com ele es-pantasse os cães. E assim foi feito.

Um a um, os cães foram-se acovardan-do, e foram saindo de "fininho". Mas, ao quererem atravessar o tunel, emperravam no tijolo. E Manoel Augustão se aprovei-tava disso para, após molhar a estopa no ácido de bateria, lambusar-lhes forte-mente o traseiro. Sentindo aquele fogo líquido na retaguarda, os cães faziam um esforço danado, e conseguiam atravessar o túnel. Assim, em poucos instantes, os doze cães foram batizados na retaguarda pelo ácido de bateria.

DOZE CÃES NUM ENTÉRRO

Conto de OTTOKAR HANNS

(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

Mas, Manoel Augustão não contava com uma particularidade, que ele havia esquecido por completo.

Aquela hora, saia da igreja defronte à sua casa, um suntuoso entérro de gente rica. Várias pessoas de ar circunspecto acompanhavam o côche fúnebre. Eram pessoas de caras enferruscadas, pessoas que por certo nunca riram na vida, tão aprofundadas que viviam em seus negócios comerciais. Dizem mesmo que quem se preocupa muito por dinheiro, não tem tempo para rir. Esta é a razão porque sofrem do fígado.

E todas aquelas pessoas ficaram nota-velmente espantadas. A princípio, não queriam acreditar no que seus olhos viam.

Bem ao lado do côche fúnebre, doze cães, numa velocidade desusada, corriam por sôbre o gramado. E corriam na mais cômica posição do mundo: fazendo grandes círculos, rabeavam o traseiro pelo gramado, tendo assim grande dificulda-de em correr.

Em menos de um minuto, o entérro, antes tão sério, tão circunspecto, havia-se transformado numa grosseira palhaçada.

Todos riam. As mulheres, escondendo o rosto nos lenços já molhados de lágrimas; e os homens às gargalhadas, com as mãos nas gordas ilhargas. O cocheiro quase caiu de seu banco, de tanto rir. De todos, só não ria o morto, que não tinha razão para tanto, e nem lhe incomodavam mais as palhaçadas terrenas.

Manoel Augustão que observava tudo por cima da cerca, pôs as mãos na cabe-ça, e disse meia dúzia de nomes feios, que seriam um tanto impróprios de serem re-produzidos.

— "Não era isso o que eu queria", dizia ele, puxando os cabelos de raiva, "não era isso!..."

A vingança de Manoel Augustão ha-via-se transformado numa palhaçada. Os parentes do morto, contudo, não acharam muita graça, e quiseram processar a Manoel Augustão por aquele atentado à dor de uma família, um verdadeiro sacri-légio. O grande caçador ajoelhou-se diante do côche fúnebre, e, entre lágrimas, pediu perdão pelo pecado que cometeu. Em sua volta, os cães ainda corriam, rabeando o traseiro pelo gramado, e ganin-do de dor.

E, que eu saiba, até hoje Manoel Au-gustão nunca mais falou em "pedigree"...